

A HISTÓRIA SEGUNDO ALFRED THAYER MAHAN (II)

FRANCISCO EDUARDO ALVES DE ALMEIDA
Capitão de Mar e Guerra (RM1)

SUMÁRIO

A concepção de história segundo Alfred Mahan
A história e o ofício do historiador segundo Alfred Mahan
As influências sobre Alfred Mahan
Dennis Hart Mahan
Antoine Henri Jomini
Stephen Bleeker Luce

O experiente secretário da Marinha dos Estados Unidos, Henry Stimson, no conturbado período de 1940 a 1945, afirmou que “a psicologia peculiar do Departamento de Marinha frequentemente parecia se afastar do mundo da lógica em direção a um mundo religioso no qual Netuno era o Deus, Mahan seu profeta e a Marinha de Guerra a única igreja verdadeira”¹, indicando efetivamente o modo como

Mahan era percebido em todos os níveis em seu país. Alfred Thayer Mahan era o verdadeiro profeta do poder marítimo.

Mahan não tinha uma formação acadêmica formal em história. Ele não cursou nenhuma universidade, nem foi oficial de estado-maior com curso de altos estudos, contudo modificou o modo como a historiografia naval era estudada e correlacionou essa historiografia com o

1 CROWL, Philip. “Alfred Thayer Mahan: the naval historian”. In: PARET, Peter. *Makers of modern strategy*. Princeton: Princeton University Press, 1986., p. 444.

estudo da estratégia naval, formulando conceitos e “princípios” de aplicação. Seu *corpus* editorial foi composto de 20 livros e 137 artigos publicados². Desses livros, seis foram de temas históricos, três biografias, duas autobiografias e nove de temas de política, estratégia e relações internacionais – uma produção razoável, considerando que quando tinha 43 anos de idade o seu primeiro livro foi publicado. O livro seguinte só foi escrito sete anos depois, quando contava com 50 anos.

O que se pretende discutir é a concepção de história segundo Mahan e o modo como ele percebia o ofício de historiador. Em seguida serão apresentados os três principais teóricos que influenciaram a sua historiografia e a sua teoria de poder marítimo.

A CONCEPÇÃO DE HISTÓRIA SEGUNDO ALFRED MAHAN

Alfred Mahan tinha um modo muito peculiar de iniciar uma pesquisa histórica. Ele começava seus estudos com uma inspiração, uma “luz” que surgia de seu consciente. Dessa inspiração ele deduzia conclusões predeterminadas. Os fatos históricos surgiam para corroborar as suas conclusões previamente deduzidas. O que não corroborasse suas conclusões era descartado. Dentro dessa perspectiva ele começou a leitura do livro *A History of Rome*, de Theodor Mommsen³.

Ao analisar a Segunda Guerra Púnica, muito bem descrita por Mommsen, Mahan verificou que Aníbal preferiu correr sérios riscos com o seu exército, partindo da Espanha em direção à península itálica, por via terrestre, do que se aventurar em uma travessia por via marítima. Naquela oportunidade Roma já dominava o Mediterrâneo e certamente atacaria a frota cartaginesa em seu trânsito para a Itália. Mommsen afirmara que Roma obtivera o controle do mar a partir da guerra precedente, e essa preponderância ainda existia por ocasião da segunda guerra. A decisão de Aníbal de partir da Espanha, cruzar o sul da França, atravessar os Alpes e atacar Roma pelo norte da península impressionara bastante Mahan. Ele chegou a conjecturar que talvez, se ele arriscasse o trânsito pelo mar, suas perdas não seriam de 33 mil baixas dos 60 mil que iniciaram a marcha na Espanha.⁴ Sua explicação para essa atitude de Aníbal era que o poder marítimo de Roma controlava os mares ao norte de uma linha traçada de Tarragona, na Espanha, a Lilybaeum (ao norte de Marsala), no ocidente da Sicília, passando pelo Estreito de Messina até Siracusa e dali a Brindisi, já no Adriático. Esse controle permaneceu inalterado durante toda a guerra⁵. Chegou ele a imaginar como as coisas seriam diferentes caso Aníbal invadisse Roma por mar e pudesse controlar suas comunicações com Cartago⁶. A partir dessa constatação,

2 Ibidem, p. 448.

3 Theodor Mommsen nasceu em 1817, em Garding, no Schleswig. Foi professor das Universidades de Leipzig, Zurich e Breslau antes de assumir a cadeira de História Antiga na prestigiada Universidade de Berlim, em 1858, tendo sido também um político ligado ao Partido Liberal da Prússia. O seu clássico *History of Rome*, que tanto impressionou Mahan, foi lançado em cinco volumes. O volume 3 (*From the Union of Italy to the Subjugation of Carthage and Greek States*) descreve exatamente a passagem de Aníbal para a Itália. Mommsen recebeu o Prêmio Nobel de Literatura em 1902. Faleceu em 1903. Fonte: Nobel Prize Organization. Mommsen Biography. Disponível em http://nobelprize.org/nobel_prizes/literature/laureates/1902/mommsen-bio.html. Acesso em 8 de julho de 2008.

4 MAHAN, Alfred. *The Influence of Sea Power upon History*. New York: Dover Publication, 1987, p. 15.

5 Ibidem, p.17.

6 MAHAN, *From Sail to Steam. Recollections of a naval life*. New York: Harper& Brothers Publisher, 1907, p. 277.



Alfred Thayer Mahan

Mahan começou a formular sua teoria de poder marítimo. Nessa observação estava a chave para a emergência e a queda dos impérios, o controle ou não dos mares, segundo imaginou.⁷

Além de Mommsen, Mahan leu com afincos autores ingleses como Sir George Augustus Elliot, Sir John Montague Burgoyne e Sir Charles Ekins. Os franceses tampouco foram esquecidos. Leonard La Peyrouse Bonfils e Henri Martin foram os dois mais apreciados. No entanto, o maior teórico militar estudado por Mahan foi Antoine Henri Jomini⁸.

Ele pouco apreciava a pesquisa arquivística, preferindo, ao contrário, o uso de fontes secundárias. Em algumas obras específicas chegou a pesquisar documentação primária; no entanto, preferia o caminho das obras prontas, o que de forma alguma diminuiu a originalidade de seu pensamento. Vale mencionar a opinião do historiador Kenneth Moll, que analisou a obra de Mahan, constatando que a organização dos capítulos de seus livros era muitas vezes confusa, misturando a interpretação de determinado evento histórico com suas próprias conclusões finais⁹, embora procurasse seguir a lógica cronológica das batalhas e campanhas navais na maior parte das vezes. Sua narrativa, entretanto, era direta, dogmática e determinista, procurando apontar que o investimento no poder marítimo, como por ele apregoado, levaria

o país a desenvolver-se como um todo, numa clara interpretação teleológica.

Mahan não trouxe nenhum fato naval novo ou mesmo novas interpretações à história naval; no entanto, a partir de seu estudo, divisou novos caminhos para o estudo da estratégia, e nesse ponto é que a leitura de seus livros tornou-se importante para qualquer pesquisador de assuntos navais. A história, para ele, servia como uma ferramenta de análise aplicada e não como uma história interpretativa e problematizada. Certamente que ele era um homem de seu tempo, procurando entender o mundo industrial que surgia e o modo como ele afetava as concepções estratégicas navais no final do século XIX. Acreditava que a guerra no mar no passado, no período a vela, poderia servir como referência para o período da Marinha a vapor, principalmente no campo da estratégia. Os “princípios” colhidos no passado, imaginava, continuariam válidos para o período em que

Por suas qualidades e defeitos, Moll afirmou, ainda, que Mahan era simultaneamente um dos mais fortes e mais deficientes autores a serem encontrados em toda a historiografia naval

ele escrevia. Essa visão enviesada de história indicava um reducionismo exagerado, ao descrever que a complexidade da guerra no mar poderia ser interpretada com uma enorme simplicidade, desde que seus “princípios” fossem seguidos por todos, o que diminuía sobremaneira a validade científica de seus estudos. Deve ser mencionado, no entanto, que não era intenção de Mahan conduzir uma pesquisa objetiva científica, nem aclamar que suas conclusões fossem o produto de uma pesquisa arquivística exaustiva.

ele escrevia. Essa visão enviesada de história indicava um reducionismo exagerado, ao descrever que a complexidade da guerra no mar poderia ser interpretada com uma enorme simplicidade, desde que seus “princípios” fossem seguidos por todos, o que diminuía sobremaneira a validade científica de seus estudos. Deve ser mencionado, no entanto, que não era intenção de Mahan conduzir uma pesquisa objetiva científica, nem aclamar que suas conclusões fossem o produto de uma pesquisa arquivística exaustiva.

7 CROWL, op.cit. p. 450.

8 À frente serão feitas outras considerações sobre a influência de Jomini no pensamento de Mahan.

9 MOLL, Kenneth. A. T. Mahan. “American Historian”. In: *Military Affairs*. Virginia: Society for Military History, v.27, n. 3, outono, 1963, p.139.

Apesar dessas deficiências metodológicas, Mahan inovou e tornou-se um paradigma. Ele era um historiador naval criativo e, segundo interpretação de Kenneth Moll, Mahan foi “o pai da moderna historiografia naval”.¹⁰ Por suas qualidades e defeitos, Moll afirmou, ainda, que Mahan era simultaneamente um dos mais fortes e mais deficientes autores a serem encontrados em toda a historiografia naval¹¹.

No que concerne ao moderno estudo da estratégia naval, Sprout apontou que Mahan contribuiu de três formas distintas. A primeira, ao desenvolver uma filosofia de poder marítimo que obteve reconhecimento e aceitação em círculos externos ao mundo naval e, assim, conseguiu influenciar políticos em todo o mundo. A segunda, por formular uma nova e criativa teoria de estratégia naval e, por fim, por criticar enfaticamente o estudo das táticas navais até então utilizadas.¹² Assim, para ele o poder marítimo poderia significar para os Estados Unidos da América (EUA) o mesmo que significou para a Grã-Bretanha (GB), isto é, um instrumento político eficaz e eficiente para a obtenção de poder e relevância mundial.

Um outro aspecto interessante da percepção de história por parte de Mahan é a instrumentalização da disciplina como base para a educação formal dos oficiais de Marinha dos EUA. Seus textos passaram a ser discutidos inicialmente em Newport, depois extravasando para outras escolas de altos estudos navais, inclusive a brasileira. Jon

Tetsuro Sumida afirmou, inclusive, que os livros de Mahan eram apresentados como um testamento do “valor do treinamento histórico” para a análise da estratégia naval. Para Mahan, o estudo da história naval deveria ser incrementado, de modo a se ter oficiais com maior capacidade de análise e reflexão, assim como um agente primário de educação avançada para aqueles oficiais que teriam a tarefa de dirigir o que era tecnológica e burocraticamente uma instituição complexa como a Marinha de Guerra. A arte da guerra aplicada ao mar era o seu objeto final. A história naval, sua ferramenta de análise.

No dia 6 de agosto de 1888, Mahan proferiu a aula inaugural do Curso de Estado-Maior na Escola de Guerra Naval-EUA (EGN-EUA), afirmando o seguinte:

**A arte da guerra aplicada
ao mar era o seu objeto
final. A história naval, sua
ferramenta de análise**

A grande resposta para a questão “qual o

objetivo da Escola de Guerra Naval” foi antecipada pelos senhores daquilo que foi apresentado aqui. É o estudo e o desenvolvimento, de uma maneira sistemática e ordenada, da arte da guerra aplicada ao mar ou tais partes terrestres alcançadas pelos navios. Avaliando os navios e suas armas aperfeiçoadas pela ciência de nosso tempo e formulando seu poderio e suas limitações como desenvolvidos pela experiência, teremos os meios colocados nas mãos de especialistas para obterem-se os grandes fins da guerra. Como melhor adaptar esses meios para o fim sob várias circunstâncias e vários campos nos quais os navios e es-

10 Ibidem, p. 132.

11 Ibidem, p. 139.

12 SPROUT, Margaret Tuttle. Mahan, the evangelist of sea power. In: MEAD, Edward. *Makers of modern strategy: military thought from Machiavelli to Hitler*. Princeton: Princeton University Press, 1973, p. 418.

quadras serão chamados a atuar é o problema proposto.¹³

Após a análise de sua escrita e interpretação histórica, de que forma Mahan, em suas próprias palavras, percebia a história? Como ele procurava, a partir de fatos históricos percebidos, formular conceitos e definições sobre o poder marítimo? Quais foram suas principais influências na formulação desses conceitos? É o que se discutirá no próximo subitem.

A HISTÓRIA E O OFÍCIO DO HISTORIADOR SEGUNDO ALFRED MAHAN

Mahan foi um homem essencialmente religioso, e sua religiosidade teve considerável influência no modo como ele percebia a história. Sua compreensão do cristianismo também influenciou sua teoria de poder marítimo e, por conseguinte, sua visão de política. A capacidade de conduzir a guerra foi outorgada a autoridades legalmente constituídas pelo poder de Deus, sendo que a força era um meio deplorável, mas necessário, de manter a ordem, de defender os interesses nacionais, de vingar atos “malévolos” e de administrar justiça.¹⁴ Uma vez que a humanidade não era perfeita, a guerra era um “mal necessário” e um remédio para combater maiores males, especialmente os males morais, pensava

Uma vez que a humanidade não era perfeita, a guerra era um “mal necessário” e um remédio para combater maiores males, especialmente os males morais, pensava Mahan

Mahan. Assim, a guerra era justificável como um elemento de progresso humano, embora afastada da perfeição humana e, por causa dessa imperfeição, suscetível de remédio. Mahan afirmou também que, no atual estado imperfeito do gênero humano, o mal pode fácil e frequentemente alcançar um ponto no qual precise ser controlado e talvez até destruído pela força física. Se, por acaso, o mal tiver condições de resistir, ele necessita ser destruído. Essa destruição virá pela guerra.¹⁵ Acreditava, então, que a guerra podia ser justificada, segundo o ponto de vista cristão. E qual seria o papel de Deus na guerra? Para ele, Deus dava

a consciência ao homem para decidir recorrer à guerra ou não. Cristo designou a espada para as autoridades de uma Nação recorrerem a coerção física do mal, dentro do campo material, uma vez que o Reino de Cristo não é desse campo. A cada Nação era dada a opção por Deus para recorrer à força,

quando fosse necessário. A espada servia para defender os direitos dessa Nação.¹⁶ Disse ele o seguinte sobre a necessidade de se aplicar a força:

O poder e a força são faculdades da vida nacional, elementos dados à Nação por Deus. E essa obrigação de manter o direito pela força, enquanto comum a todos os Estados, se coloca peculiarmente sobre o maior em proporção a seus mei-

13 MAHAN, *Naval Administration and Warfare. Some general principles*. Boston: Little Brown & Co, 1918, p. 190.

14 LESLIE, Reo. “Christianity and the Evangelist of Sea Power: The Religion of Alfred Thayer Mahan”. In: HATTENDORFF, John. *The influence of History on Mahan*. Newport: United States Naval War College Press, 1991, p. 133.

15 MAHAN, Alfred. *Some Neglected Aspects of War*. Boston: Little Brown, 1907, p. 100.

16 LESLIE, op.cit. p. 134.

os. Assim vista a habilidade de rapidamente arremessar o poder da Nação sendo um dos mais evidentes deveres envolvidos na palavra cristã vigilância, prontidão quando o chamado chegar, esperado ou não [...] quando o mal é forte e desafiador, a obrigação de usar a força, isto é, a guerra, se apresenta.¹⁷

A visão de Mahan sobre a guerra é consistente com a visão de guerra justa de Santo Agostinho. Deve ser observado que ele era um homem com uma visão judaico-cristã, influenciado pela expansão norte-americana em direção ao Caribe e ao Pacífico, e a influenciando, quase como um “ato divino” imposto aos EUA para levar a “civilização aos povos atrasados” dessas regiões.

Sendo a guerra um fato histórico, Mahan percebia a história como uma espécie de drama divino no qual a vontade de Deus era revelada pelas personalidades e eventos ocorridos. A história era por ele definida como a realização de um plano da Providência, de muito maior alcance e mais complicada que simplesmente a tática de uma batalha ou a estratégia de uma campanha ou mesmo a política de uma guerra. Dizia ele que “cada um desses eventos, as batalhas, as estratégias das guerras e as políticas, dentro de suas esferas, eram incidentes da história, possuindo uma unidade intrínseca própria”.¹⁸

Sua crença na inevitabilidade da manifestação da Providência no curso da história, agindo sobre os homens e sua convicção de que a mão de Deus estava por detrás da grandeza do poder marítimo britânico, pode ser constatada na afirmação de que a Jamaica passara para as mãos da Inglaterra por acidente no período de Cromwell, e que a expedição enviada pelos ingleses não era para tomá-la e

sim conquistar Santo Domingo. Em continuação, que a Espanha teve a oportunidade e a chance de conquistá-la na Guerra da Independência dos EUA e não o fez, e que situações similares ocorreram em relação aos postos-chave do Mediterrâneo, Gibraltar e Malta e novamente a Espanha não os conquistou. Mahan atribui essa negligência espanhola como a Providência, que tinha como pressuposto a manutenção da predominância naval da GB. Se a Espanha não agiu, foi porque assim quis Deus em seus desígnios.¹⁹

Mahan confessou que o estudo da história foi para ele incidental, tarde na vida, claramente superficial, limitado e sem a necessária pesquisa documental. Ele tinha consciência de que não possuía o embasamento teórico necessário para discutir e interpretar questões históricas em profundidade. Disse ele que a história do poder marítimo era largamente, embora não somente, uma narrativa de lutas e de violência entre nações rivais, frequentemente culminando em guerras²⁰. Para isso era inegável, para ele, a influência do comércio marítimo na riqueza e no poderio dos países. Para assegurar esses benefícios, todos os esforços nacionais, por instrumentos ou métodos legislativos de monopólio ou de proibição, foram realizados. No caso desses falharem, recorreu-se à violência. As guerras ocorreram, então, pelo choque de interesses, pelos sentimentos resultantes de outros tentarem obter maiores lucros em detrimento dos interesses nacionais contrários conseguidos pelo comércio. Assim, a história do poder marítimo, embora englobando tudo que incluía a grandeza de um povo por meio do mar, é fundamentalmente uma história militar, por envolver a luta e a disputa militar.

17 MAHAN, Alfred. *Lessons of the War with Spain and other Articles*. Boston: Little Brown, 1899 p. 233.

18 MAHAN, Alfred. *Naval Administration and Warfare*. op.cit. p. 267.

19 LIVEZEY, William. *Mahan on sea power*. Oklahoma: Oklahoma University Press, 1981, p. 26.

20 MAHAN, Alfred. *The Influence of Sea Power upon History*. op.cit. p. 1.

Na análise da história militar, a ação de grandes líderes militares era essencial para enfatizar ideias e para conduzir as guerras do futuro. Nomes como Napoleão, Alexandre, Aníbal e César foram muito admirados e citados por Mahan. Segundo ele, existiria uma concordância explícita de historiadores de que, embora as diversas condições de guerras passadas variassem, nos diferentes períodos históricos, em relação ao progresso tecnológico dos armamentos, também existiriam ensinamentos da história que permaneceriam constantes e de aplicação universal, alcançando a situação de “princípios gerais”.²¹ Dessa forma, o estudo sistemático da história da guerra no mar era instrutivo pela indicação e aplicação desses “princípios gerais”, apesar das grandes inovações que pudessem ocorrer nas armas navais, incluindo nesse caso o uso do vapor. Apesar das inovações tecnológicas no campo da guerra, os “princípios gerais” permaneceriam os mesmos. O conhecimento desses princípios era útil para o especialista nos estudos da guerra nos momentos de dúvida e perplexidade; no entanto, para um novato, esse conhecimento não seria suficiente.

A história, assim, passava a ter uma função fundamental, pois, além de exemplificar fatos que confirmavam a atualidade dos princípios apontando o valor da experiência vivida em situações correlatas, indicava concomitantemente a pertinência do uso de princípios. Experiência e uso de princípios se complementavam no exame correto de uma situação. Um especialista que dominasse o uso dos princípios e tivesse experiên-

cia estaria mais bem capacitado para avaliar uma situação de guerra e conflito²², segundo Mahan. A história provia a matéria bruta da qual se deveria obter e retirar lições. Os ensinamentos seriam ilustrações desses princípios. Um exemplo, no entanto, que requeria cuidado por parte do especialista era a aplicação de princípios em casos envolvendo questões morais, que poderiam transcender o campo militar. Os princípios que regiam a conduta militar na guerra nem sempre eram coincidentes com os conceitos que regiam a conduta moral na guerra, daí a dificuldade de aplicar os mesmos princípios para o campo militar e o campo moral.²³

Antes dos grandes encontros das esquadras em guerras no mar, Mahan levantou questões fundamentais sobre como conduzir as operações no teatro de guerra. Mencionou que as questões básicas eram as seguintes: que funções seriam aloca-

A história provia a matéria bruta da qual se deveria obter e retirar lições

das às Marinhas na guerra? Quais os seus principais objetivos? Onde as Marinhas seriam concentradas? Quais os seus pontos de abastecimento? Como seriam protegidas as comunicações entre esses pontos e as bases principais? Qual o papel do ataque ao comércio inimigo? Seria ele decisivo? Como seria esse ataque, por meio de corsários isolados ou por forças navais em pontos focais? Todas essas questões estratégicas poderiam ser respondidas pelo estudo da história naval, segundo ele.

Mahan prosseguiu afirmando que as lições estratégicas retiradas dos princípios da história naval teriam maiores valores. As lições táticas poderiam indicar, também, alguns ensinamentos, no entanto o encontro das es-

21 Ibidem, p. 2.

22 MAHAN, Alfred. *Naval Strategy. Compared and contrasted with the principles and practice of military operations on land*. London: Sampson Low, Marston Ltd, 1911, p. 10.

23 Ibidem, p. 234.

quadras oponentes no campo da tática traria menos ensinamentos, pois foi a estratégia que provocou esses encontros, daí os princípios terem menos perenidade no campo da tática. As batalhas ocorridas no passado foram ganhas ou perdidas segundo a aplicação desses princípios gerais, e o estudo das causas e efeitos dos sucessos e insucessos, por parte dos profissionais do mar, podia permitir maior aptidão para a condução das esquadras em combate. A história, então, para ele, teria o papel de demonstrar o que deveria ser feito, a partir de experiências analisadas do passado. Mahan procurava também analogias entre duas situações históricas similares para indicar se determinado princípio tinha sido empregado corretamente ou não²⁴. Em uma carta para Samuel Ashe, ele disse que “toda a história naval até aqui fora feita por navios e armamentos [...] completamente diferentes dos que estão em uso agora”²⁵, esforçando-se para demonstrar que, apesar das diferenças, os princípios continuavam os mesmos e apontar nas lições do passado algo que pudesse servir para o futuro. Sua intenção era “extrair ensinamentos dos velhos cascos de madeira e dos canhões de 24 libras que trouxessem alguma luz às combinações a serem empregadas entre navios encouraçados, canhões raia-dos e torpedos”²⁶.

Mahan considerava também difícil es-crever o que se chama na atualidade a história do tempo presente. Para ele deveria existir um tempo mínimo para a coleta dos fatos históricos correntes e para a análise desses fatos, que poderiam se apresentar imperfeitos e conflitantes. Um tempo mínimo seria requerido para o pesquisador ve-

rificar a sua totalidade e a sua verdadeira importância relativa. Afirmou ele:

Existem, assim, duas operações distintas essenciais na acuidade de julgamento para a finalidade da pesquisa. A primeira, o diligente e minucioso estudo do detalhe no qual o conhecimento é completo; e a segunda um determinado afastamento do pensamento de prejulgamentos e paixões provocadas pelo contato imediato [com o fato histórico], um certo afastamento correspondente à ideia de distância física no qual a confusão e distorção desaparecem e assim pode ser possível não somente distinguir os pontos decisivos do período, mas também relegar a seus lugares corretos os detalhes que, no momento em que ocorreram, fizeram uma impressão exagerada devido a sua proximidade.²⁷

Quanto ao ofício do historiador, ele considerava que o profissional da história deveria possuir fineza no conhecimento, percepção da íntima relação com os fatos históricos em suas mais diferentes ramificações e domínio das diferentes fontes de evidência, de declarações de testemunhas, muitas vezes conflitantes e irreconciliáveis. O poder de criticar seria simplesmente um incidente oriundo da compilação dos fatos reunidos. O historiador seria, segundo ele, um juiz e os jurados em um tribunal, não estabelecendo os fatos, mas decidindo conforme as evidências. A isso tudo ele chamou de a “expressão geral do conhecimento” do profissional de história, que devia ser paciente e diligente na análise do material apresentado²⁸. A preocu-

24 MAHAN, Alfred. *Naval Strategy*. op cit p. 44.

25 BARBER, James. “Mahan e a Estratégia Naval na Era Nuclear”. *Revista Marítima Brasileira*. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação da Marinha, 3.Trim, 1976, p. 90.

26 Idem.

27 MAHAN, Alfred. *Lessons of the War with Spain*. op.cit. p. 22.

28 MAHAN, Alfred Thayer. “The Writing of History”. *The Atlantic Monthly*. Boston: Houghton, Mifflin and Co, v.41, n. 545, mar, 1903, p. 290.

pação principal do historiador devia ser compilar o que ele, Mahan, classificou como “verdades”, muitas vezes contraditórias, confusas e “indesejáveis”, que compunham um quadro que apontava a impressão do que deveria ser a “verdade”²⁹. A fidelidade na apresentação dos fatos não consistia meramente em apontar todos os fatos. A ênfase dada a cada um deles era tarefa essencial do historiador, de modo a facilitar a compreensão do leitor ou do observador. O importante era a ideia central.³⁰

Reconhecia também que os historiadores, de um modo geral, desconheciam as especificidades da guerra naval, não possuindo nem interesse nem conhecimento nesse campo da história específico que era a história naval. Dizia que esses historiadores não percebiam a importância que o poderio marítimo tivera no desenvolvimento das nações³¹. Considerava que era simples para um historiador apontar o mar, de uma forma generalizada, como um meio de desenvolvimento das nações na história, no entanto a generalização não era o meio correto de se abordar a questão. Essa visão era vaga e sem substância. O importante para o historiador naval era demonstrar e analisar a relevância de casos particulares no uso do mar para o desenvolvimento nacional, em determinado período histórico, sem generalizações que nada agregavam ao estudo da história. O mar foi e continuava sendo desconhecido para a grande massa de pessoas e para os historiadores. Acreditava, assim, que sua função social como historiador naval era trazer a discussão a importância do poder marítimo no curso da história. Dois outros autores Mahan considerou

como seus predecessores: Sir Walter Raleigh e Francis Bacon³².

Para Mahan, a função do historiador, ao escrever a história, não era simplesmente acumular fatos em sua totalidade ou em sua acuidade, mas apresentar esses fatos de modo inteligente para quem ele chamou de “homem da rua”³³ de modo a que ele não tivesse qualquer dificuldade no seu entendimento. Em falhar a transmitir essa ideia, o historiador deixava de cumprir sua tarefa como profissional, apesar de toda a sua “expressão geral do conhecimento” que simplesmente permanecia com ele e não era transmitida como deveria.

O texto histórico não era somente uma narrativa corrente, nem mesmo se fosse viva e eloquente. Não adiantava ser detalhista e perfeito na cronologia se ao final da leitura se percebesse que os fatos descritos passaram pelo texto como “um movimento ocorrido na rua por quem observa da janela”³⁴. Um detalhe podia até ficar gravado na memória, contudo nada permanecia, a não ser a sequência de imagens sem início nem fim. A história, para o autor norte-americano, devia ter uma continuidade que consistia em sua utilidade como o poder de ensinar, baseado na experiência. Cuidado devia ser tomado na acumulação de fatos sem correlação. Isso era um pecado, segundo ele.

Os fatos históricos, para Mahan, embora exaustivos e arduamente obtidos, eram somente tijolos e cimento para o profissional, em sua forma bruta simplesmente. Somente após a análise do “artista” a que ele correlacionava ao historiador, a “obra” surgia, a verdadeira narrativa histórica, como

29 MAHAN, Alfred. *Naval Administration and Warfare*. op.cit. p. 250.

30 Ibidem, p. 251.

31 MAHAN, Alfred. *The Influence of Sea Power upon History*. op. cit. P. iii.

32 MAHAN, Alfred. *From Sail to Steam*. op. cit. p. 276.

33 No original “the man on the street”. Ibidem, p. 252.

34 Idem.

uma criação de arte, após árdua concepção. O historiador devia possuir, então, a capacidade de análise, perspicácia e imaginação. O requisito principal a ser seguido pelo profissional deveria ser a unidade na escrita. Essa unidade se compunha da relação entre as partes do texto e da proporção dessas partes. Essa unidade implicava multiplicidade, subordinada a uma ideia dominante ou central ou hipótese principal. Para enfatizar sua ideia, Mahan recorria à *Ilíada* de Homero, quando este mencionou as diversas ações, fatos e realizações dos diversos personagens que fluíram pelo poema, no entanto, para Mahan, Homero queria exaltar a suprema glória do grande herói Aquiles³⁵. Nesse ponto, Mahan, ao correlacionar a ideia central ou hipótese de Homero com a glória de Aquiles, pareceu diminuir o papel de Heitor no poema, tão ou mais importante que o de Aquiles.

Mahan identificou o profissional da história com um artista, ao analisar o seu objeto, separar suas partes componentes, reconhecer as inter-relações entre as partes e a proporção de importância e interesse de cada uma no texto final. Com isso perfeitamente delineado, o historiador formava um plano geral, um modelo bruto, já indicando a ideia central ou hipótese, podendo essa ideia ser até um conflito de dois campos antagônicos, como, por exemplo, a liberdade e a escravidão, a união e a desunião no país ou região, devendo, no entanto, a unidade ser mantida. A ideia central não estava na liberdade ou na escravi-

dão, mas no conflito entre as duas ideias. Os eventos surgidos deviam ser congregados em torno da hipótese principal, como uma obra de arte que vai aos poucos se delineando na frente do artista.

Mahan apontou que, além de artista, o historiador devia ter a tarefa de instruir os homens, de ser um demonstrador de lições a serem apreendidas. A precisão do historiador, sem dúvida nenhuma, era sua obrigação profissional, no entanto podia acorrentá-lo, fazendo com que ele omitisse o mais importante: a ideia central. Ao coletar grande quantidade de fatos, ele poderia

Mahan apontou que, além de artista, o historiador devia ter a tarefa de instruir os homens, de ser um demonstrador de lições a serem apreendidas

não perceber que o controle desses fatos seria cada vez mais problemático. Ele devia, assim, limitar seu campo de análise a aquilo que ele podia controlar. A exaltação da acuidade de pesquisa histórica apontada por alguns histo-

riadores profissionais, por si só, para ele, era uma inutilidade. Acreditava que, em um texto de história, o importante era perseguir a ideia central objetivamente, com alguns fatos bem fundamentados e interpretados. Afirmou inclusive que “a paixão pela certeza [por parte do historiador] pode cair na incapacidade de decidir; um vício reconhecido na vida militar e que necessita de reconhecimento em outro lugar”³⁶. Complementou, afirmando que o estudo intensivo de casos dotaria o pesquisador e o aluno de maior compreensão, uma ampla visão, maior aptidão e rapidez na aquisição de detalhes críticos, ao invés de estudar detalhes de menor significado na história.³⁷

35 Ibidem, p. 255.

36 MAHAN, Alfred. *The Writing of History*. op.cit. p. 294.

37 MAHAN, Alfred. *Naval Strategy*. op.cit. p. 120.

A “teoria de composição histórica”³⁸, segundo suas próprias palavras, se baseava em coletar material bruto, os fatos históricos desconectados, e em perceber como os homens agiram e de que forma, temperados com grande dose de inspiração, tal como um artista agiria na criação de uma obra de arte. Para ele existiam poucos historiadores dotados dessa inspiração, tal como existiam poucos artistas. Para chegar ao ponto de ser considerado um artista, o historiador precisava desenvolver um processo intelectual acurado, ao contrário do artista puro, que necessitava somente de genialidade e inspiração. A capacidade de estudar os fatos analiticamente, de detectar as grandes linhas principais de raciocínio, de determinar a importância relativa de cada uma delas, de reconhecer as relações mútuas e sobre tudo isso de apresentar um texto lógico deveria compor o processo intelectual do historiador. Não devia ser esquecido, lembrou Mahan, que o delineio de uma cadeia de causa e efeito, a organização e classificação dos incidentes históricos, em princípio desconectados, deviam revelar a unidade central e expor ao leitor a principal tendência predominante de determinada época apresentada.³⁹

Mahan acreditava que, utilizando esses princípios, poderia ser obtida a solução para compreender os problemas da guerra, caso se relacionassem à conduta das campanhas, o que ele chamava de estratégia ou, caso se relacionassem com a direção das batalhas, o que chamava de tática. O historiador naval que conhecesse os princípios de guerra encontrava a evidente necessidade de cons-

truir sua narrativa com uma unidade substancial, percebendo a ideia central e os fatos que sustentavam essa ideia. Ele comparou essa tarefa de pesquisa com a palavra “concentração”, um evidente princípio de guerra, ao agrupar os fatos em torno de uma ideia central e as tropas no campo em um ponto definido.⁴⁰ A lógica e a imaginação deviam andar juntas, contudo, para ele, a lógica devia prevalecer. Uma batalha bem pesquisada e descrita devia ser como uma obra de arte realizada pelo historiador militar. Para um estudante de história naval, o estudo da guerra terrestre era de suma importância, em virtude do extensivo desenvolvimento narrativo e por existirem mais guerras em terra que no mar. Acresça-se também a isso existir maior quantidade de material para pesquisa, assim como os exemplos no uso e aplicação de princípios eram mais explícitos e numerosos.⁴¹

Mahan apontou uma analogia entre a escrita da história militar com os outros campos da história, tais como a história política, a história econômica e a história social, no entanto chamou a atenção que ela se diferenciava dos outros campos pela ênfase no que chamou de “plano humano”⁴², por uma marcada finalidade em sua conclusão e, acima de tudo, por uma vivacidade nas ações, tudo isso enfatizado em uma grande unidade temática. Uma declaração de guerra, um tratado de paz, uma vitória decisiva eram, por exemplo, indicadores importantes de uma época, havendo analogia com outros eventos ocorridos no que ele chamou de “história civil”.⁴³ Na escrita da história militar, a ofensiva chocou-se com a defensiva,

38 MAHAN, Alfred, *Naval Administration and Warfare*. op.cit. p. 262. A expressão usada por Mahan no original foi ‘*the theory of historical composition*’.

39 Ibidem, p. 263.

40 Ibidem, p. 265.

41 MAHAN, Alfred. *Naval Strategy*. op. cit. p. 121.

42 MAHAN, Alfred, *Naval Administration and Warfare*. op. cit. p. 268.

43 Idem.

opondo dois lados na guerra, reproduzindo-se em toda a história. Da mesma forma, o conservadorismo chocou-se com o progresso que exigia mudanças, sendo a resultante de cada conflito, como em cada guerra, uma modificação das condições reinantes, não necessariamente uma imediata reversão. Mudança total, para ele, tinha sido rara na história. Nem revolução nem estagnação, contudo avanço, gradual e moderado, fé na estabilização da ordem, nos princípios fundamentais, no progresso regulado e progressivo, assim pensava.⁴⁴

Mahan, ao analisar a história, escolhia os exemplos que melhor atendessem a suas concepções, desprezando aqueles que, por alguma razão, não corroborassem os seus princípios fundamentais. Essa visão seletiva e enviesada de interpretação histórica o comprometeu como um historiador imparcial. Sua ênfase exagerada no fato com pouca problematização e excesso de dogmatismo e etnocentrismo anglo-saxão o colocam atualmente como um historiador limitado. A escrita da história alterou-se no século XX, e Mahan era um homem de seu tempo, influenciado por outras conjunturas. Apesar de percalços no método e no determinismo explícito de sua concepção de história, Mahan, segundo Sumida, “estabeleceu a fundação da moderna história naval e da estratégia em seus livros sobre o poder marítimo”⁴⁵. Reproduzindo Paul Kennedy, “Mahan é e sempre será um ponto de referência e partida de qualquer estudo sobre poder marítimo”.⁴⁶

Com essa discussão bem definida, quais foram seus principais influenciadores, que proporcionaram o ferramental teórico necessário para as suas conclusões?

AS INFLUÊNCIAS SOBRE ALFRED MAHAN

Apesar de ter lido e estudado intensamente os clássicos franceses de história naval e os livros de Theodor Mommsen, Mahan sofreu influência de três intelectuais que vieram proporcionar o embasamento teórico para suas conclusões. Como visto, a história naval serviu como ferramenta para sua fundamentação teórica, no entanto os ditos “princípios” por ele estabelecidos foram derivados de escritos e ideias de outros autores.

Como sua primeira e destacada influência, surgiu seu pai, Dennis Hart Mahan, que proporcionou ao filho o gosto pela investigação e pelo questionamento. Em seguida, a sua principal e relevante referência para o estabelecimento de conceitos, princípios e concepções foi o teórico suíço Antoine Henri Jomini. Por fim, o terceiro destacado influenciador de suas concepções foi Stephen Luce, oficial da Marinha norte-americana, que o convidou para compor o quadro docente da recém-fundada EGN-EUA, por ele dirigida.

Dennis Hart Mahan

Dennis Mahan nasceu na cidade de Nova Iorque, em 2 de abril de 1802, tendo-se criado em Norfolk, na Virginia. Foi, então, indicado por esse estado para seguir para a Academia Militar de West Point, onde se graduou em 1824 como primeiro colocado de sua turma. Como segundo-tenente, foi indicado para atuar nessa Academia como professor assistente na cadeira de Matemática, ao mesmo tempo em que era designado engenheiro militar.

44 Dessa forma, Mahan não concordaria hoje em dia com a definição de Revolução nos Assuntos Militares, propugnada por muitos historiadores militares contemporâneos.

45 SUMIDA, Jon Tetsuro. *Inventing Grand Strategy and teaching command: the classic works of Alfred Thayer Mahan reconsidered*. Washington DC: John Hopkins University Press, 1997, p. xi.

46 Ibidem, p. 1.

Devido a seu desempenho, foi mandado para a França pelo Departamento de Guerra, de modo a obter o título de engenheiro militar de Artilharia na Escola Militar de Metz. Em 1830, Dennis regressou a West Point para, dessa feita, assumir a carreira de professor titular de Engenharia, ao mesmo tempo em que ensinava fundamentos da conduta da guerra aos alunos. Em 1838, assumiu o cargo de reitor da Academia, em paralelo com suas atividades docentes. Por suas mãos passaram diversos cadetes que se tornariam posteriormente generais na Guerra de Secessão.

Dennis procurou transmitir a interpretação francesa das Guerras Napoleônicas, o que provocou grande atração por parte dos alunos. Suas palestras sobre a conduta da guerra foram compiladas no livro *An Elementary Treatise on Advanced-Guard, Out-post and Detachment Service of Troops*, que oferecia mais orientações para os altos níveis militares do que para os seus próprios alunos.⁴⁷

Recebeu o título de doutor pelas Universidades de William e Mary em 1852, de Brown nesse mesmo ano e de Dartmouth em 1867, tornando-se membro associado da Academia Nacional de Ciências a partir de 1863.

Em 1871, Dennis suicidou-se ao tomar conhecimento de que seria afastado e aposentado de suas funções docentes pela Comissão de Benfeitores da Academia, ape-

sar de já ter sido assegurada anteriormente a sua permanência.

Seus livros textos de engenharia foram muito disseminados e estudados em diversas universidades norte-americanas, destacando-se entre os principais *Treatise on Field Fortification*, de 1836; *Elementary Course of Civil Engineering*, de 1837; *Elementary Treatise on Industrial Drawing*, de 1853; e *Field Fortifications, Military Mining, and Siege Operations*, de 1865.

Dennis, sendo um grande admirador de Napoleão, acreditava que a defesa, por si só, não era capaz de proporcionar a vitória no campo de batalha. A procura da iniciativa por meio de uma ação agressiva e ofensiva era indispensável para o sucesso em uma guerra. Acreditava que a batalha de aniquilamento era a única forma eficaz de se obter a vitória. Disse

Dennis considerava fundamental o estudo da história, e que se alguém tivesse dito que compreendia e dominava a arte da guerra, sem ter analisado a história, estaria se iludindo

ele, sobre isso, que “o vigor no campo de batalha e a rapidez na perseguição deveriam ir de mãos dadas com o grande sucesso... levar a guerra ao coração do país inimigo, ou de seus aliados, é o modo mais seguro de fazê-lo sofrer e prejudicar os seus planos”.⁴⁸ Russell Weigley afirmou que, com toda certeza, os métodos utilizados por Ulisses Grant e William Sherman na Guerra de Secessão, ambos alunos de Dennis, foram a aplicação das ideias desse mestre⁴⁹. Essas ideias seriam importantes para seu filho Alfred estabelecer as condições ne-

47 WEIGLEY, Russell. “American Strategy from its Beginnings through the First World War”. In: PARET, Peter. *Makers of Modern Strategy*. Princeton: Princeton University Press, 1986, p. 414.

48 Ibidem, p. 416.

49 Idem.

cessárias para se obter o que viria a chamar de “controle do mar”.⁵⁰

O professor Dennis Mahan, segundo um de seus alunos, possuía um “poder de análise apurado pelo estudo crítico e intensiva pesquisa, [...] na descrição de um sítio, uma batalha ou uma campanha [mudou] o, que parecia ser uma confusão de eventos em uma clara ilustração dos princípios verdadeiros de tática e estratégia”.⁵¹ Dennis chamava também a atenção de seus alunos para os princípios envolvidos na conduta da guerra, assim como para as qualidades exigidas de um chefe militar, que para ele seriam grande arrojo, mesclado com precaução, presença de espírito e bom julgamento.⁵² Considerava também que a conduta da guerra era uma arte, baseada em princípios simples bem estabelecidos, e que todos os combatentes percebiam a sua existência, competindo, no entanto, a poucos a sua aplicação.

Dennis considerava fundamental o estudo da história, e que se alguém tivesse dito que compreendia e dominava a arte da guerra, sem ter analisado a história, estaria se iludindo. Ele chegava a ser repetitivo ao afirmar que era “na história militar que olhamos para o cerne de toda a ciência militar. É nela que encontramos exemplos de erros e acertos nos quais a verdade e o valor das regras de estratégia podem ser validados”.⁵³

O velho professor de engenharia de West Point incentivava seus filhos a lerem diversos livros e a terem a capacidade de analisar

e discernir conceitos e ideias deles derivados. Sumida acredita firmemente que tanto ele como seu filho Alfred mantiveram muitas conversas sobre assuntos envolvendo a arte da guerra, especialmente em tópicos relacionados com a Guerra de Secessão. Assim, pode-se intuir que conceitos defendidos por Dennis foram discutidos com Alfred, como, por exemplo, a questão dos princípios simples, da importância da história como instrumento de análise, o caso da batalha decisiva de aniquilamento, a vantagem da ofensiva e, por fim, a percepção de que o estudo da história e da conduta da guerra estava inserido em arte e não necessariamente em ciência, embora reconhecesse, como engenheiro militar, a importância

fundamental da ciência militar para a condução da guerra.

Dessas discussões entre pai e filho, Alfred moldou seu pensamento e se preparou para compreender, aplicar e adaptar ao campo da guerra no mar os

ensinamentos do principal teórico militar da primeira metade do século XIX e seu “mentor” intelectual, Antoine Henri Jomini.

Antoine Henri Jomini

Jomini foi o principal teórico a influenciar o pensamento de Mahan. Nasceu no cantão de Vaud, na Suíça francesa, em 1779, sendo, a partir de tenra idade, envolvido pelo ambiente da Revolução Francesa e das Guerras da Revolução. Inicialmente orientado pela família a seguir a carreira dos negócios

Jomini provocou grande admiração em Napoleão pela percepção estratégica aguçada do jovem oficial suíço

50 Essa ideia será discutida no próximo número da *RMB*.

51 SUMIDA, op. cit. p. 10.

52 Ibidem, p. 11.

53 Ibidem, p. 13.

bancários, preferiu a vida militar. O Exército francês foi sua escolha, hipnotizado pelo magnetismo de Napoleão Bonaparte.

Sua ambição, combinada com sua curiosidade e inteligência, o levou a galgar paulatinamente os graus hierárquicos no Exército francês. A primeira obra por ele escrita, um tratado das campanhas de Frederico II da Prússia, foi presenteada ao Grande Corso, que reconheceu sua qualidade.

Em 1806, foi promovido a coronel e, em setembro desse ano, apresentou-se para servir no estado-maior de Napoleão. O próprio Jomini contou que, ao fim de uma conferência, na qual Napoleão discutiu com diversos oficiais do estado-maior a sua ideia de manobra contra os prussianos, pouco antes da Batalha de Jena, não indicou para onde suas forças convergiriam. Não resistindo à provocação, Jomini levantou-se e perguntou a Napoleão se poderia se apresentar a ele em Bamberg. O imperador, contrariado, certo que seu destino final era um segredo, perguntou a Jomini de onde tinha tirado essa ideia. Do “mapa da Europa e vossas campanhas de Marengo e Ulm”, foi a resposta de Jomini⁵⁴. Isso provocou grande admiração em Napoleão pela percepção estratégica aguçada do jovem oficial suíço. Nem tudo, no entanto, eram flores para Jomini no estado-maior. Aos poucos foi se desentendendo com Berthier, chefe do estado-maior, chegando ao ponto de ter que resig-

Irado e amargurado, Jomini abandonou o Exército francês e apresentou-se como mercenário no Exército russo, que estava em combate contra Napoleão

nar a essa comissão depois que os desentendimentos se transformaram em franca animosidade, que só terminaria na morte de ambos. Nunca se reconciliaram.

Pouco antes da Batalha de Lutzen, em 1813, Jomini assumiu o cargo de chefe do estado-maior do Marechal Ney, já como general de brigada, tendo, no exercício dessa função, se distinguido como um competente teórico militar. Da impetuosidade de Ney e da capacidade analítica de Jomini criou-se uma combinação eficiente no campo de batalha.

Ney propôs ao chefe do estado-maior im-

perial a promoção de Jomini a general de divisão, o que foi recusado por Berthier, que alegou negligência do suíço com alguns relatórios que deveriam ser enviados, propondo inclusive a sua detenção, bloqueando assim qualquer elevação de posto. Irado e amargurado, Jomini abando-

nou o Exército francês e apresentou-se como mercenário no Exército russo, que estava em combate contra Napoleão. Muitos historiadores franceses consideraram tal gesto um ato de traição, entretanto isso não impediu que muitos de seus escritos fossem estudados nas escolas de altos estudos militares francesas.⁵⁵

No Exército do czar, com o posto de general, Jomini continuou a escrever sobre assuntos militares e a prestar assessoria, inclusive na fundação da Academia Militar russa, em 1832. Durante a Guerra da Crimeia, foi consultor do czar e, por oca-

54 JOMINI, Antoine Henri. *A Arte da Guerra*. Tradução do Major Napoleão Nobre. Rio de Janeiro: Bibliex, 1947, p. 15.

55 BRINTON, Crane; CRAIG, Gordon; GILBERT, Felix. Jomini. In: EARLE, Edward. *Makers of Modern Strategy. Military Thought from Machiavelli to Hitler*. Princeton: Princeton University Press, 1973, p. 82.

sião da aventura de Napoleão III na Itália, foi por ele procurado para prestar consultoria militar.

Jomini viveu 90 anos, fato pouco usual no século XIX, vindo a falecer em 1869. Antes de morrer, teve a grata satisfação de se perceber uma celebridade e “uma das maiores inteligências militares do mundo”.⁵⁶

Seus principais livros publicados foram: *Traité des Grandes Operations Militaire*, em oito volumes, de 1816; *Histoire Critique et Militaire des Guerres de la Revolution*, em cinco volumes, de 1824; *Vie Politique et Militaire de Napoleon*, em quatro volumes, de 1827; *Introduction a L'Etude des Grandes Combinacions de la Strategie e de la Tactique*, de 1829; *Precis Politiques et Militaire de la Campagne de 1815*, de 1839; e por fim, o conhecido e clássico *Precis de L'Art de la Guerre*, em dois volumes, de 1838, obra mais importante e de maior perenidade.

Sua obra foi muito lida e comentada durante todo o século XIX. Além de sua grande produtividade literária, sua escrita era fácil e compreensível para os militares e os políticos envolvidos com a guerra. Suas ideias transformaram-se em uma verdadeira escola de pensamento militar, tornando-o um dos principais intelectuais do século XIX.

Por sua corrente e bem dirigida pena, as campanhas de Frederico II da Prússia e de Napoleão tornaram-se fáceis de serem entendidas e interpretadas. Aos poucos passou a ser considerado o grande intérprete de Napoleão. Como diz Domício Proença, “sucessivas gerações de militares se voltariam para seus escritos como os únicos

capazes de revelar-lhes os segredos do Grande Corso”.⁵⁷ O que Jomini desejou com sua vasta obra foi demonstrar que o mundo militar e, por conseguinte, a guerra poderiam ser compreendidos pelos profissionais por meio de seus escritos.

Sua vaidade, vasta como sua obra, o levou a diminuir os escritos de seus contemporâneos. A Jomini pode ser imputado, inclusive, o quase esquecimento da obra de Carl Von Clausewitz. Talvez percebesse em Clausewitz um oponente de peso, daí as suas críticas ácidas e imerecidas. O certo é que a obra do prussiano possuía uma integridade intelectual inegável e uma construção teórica consistente, ao contrário da obra de Jomini, que transitava mais no campo operacional e com uma universalidade incompatível com a complexidade da guerra. A simplicidade da visão de Jomini em relação ao fenômeno da guerra embotava suas próprias conclusões, distanciando-as da visão clausewitiana, mais consistente. Os escritos de Clausewitz só começaram a ser analisados após a campanha de 1870, quando Moltke, respondendo a uma pergunta sobre como conseguira uma vitória tão retumbante contra o inimigo francês, respondeu que foi a leitura de Clausewitz que o conduziu ao sucesso militar.

Mahan leu tanto Jomini como Clausewitz, no entanto os escritos do primeiro tiveram maiores repercussões no seu pensamento. Sumida apontou em seu “Índice Analítico Seleccionado dos Escritos de Alfred Thayer Mahan” vinte entradas para a palavra Jomini em seus textos e nenhuma para Clausewitz.⁵⁸ No entanto, Mahan citou o teórico prussiano duas vezes em seu

56 JOMINI, Antoine Henri. *A Arte da Guerra*. op. cit. p. 16. Trata-se de uma opinião, a do Tenente-Coronel J.D. Hittle, comentador da obra de Jomini na língua inglesa.

57 PROENÇA, Domicio Jr; DINIZ, Eugenio; RAZA, Salvador. *Guia de Estudos de Estratégia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999, p. 59.

58 SUMIDA, op. cit. p. 154.

*Naval Strategy*⁵⁹. Existem, com certeza, alguns pontos na obra de Mahan que coincidem com a obra de Clausewitz⁶⁰, havendo inclusive admiração de Mahan por Clausewitz, segundo Sumida⁶¹. Entretanto não há dúvidas de que o seu grande influenciador foi Jomini. Mahan quis, por meio da obra de Jomini sobre a guerra terrestre, compreender a guerra marítima e adaptar suas conclusões a esta. Como seus contemporâneos, Mahan ficou fascinado pelas ideias do teórico suíço. Dennis Hart Mahan foi um assíduo leitor de Jomini e passou essa característica a seu filho Alfred.

A primeira grande ideia “emprestada” de Jomini foi a questão dos princípios, muito defendida por Dennis Mahan. Disse Jomini o seguinte:

Jomini afirmou que a guerra consiste de cinco vertentes militares: a estratégia, a grande tática, a logística, a engenharia e a tática

Existe um pequeno número de princípios fundamentais de guerra, dos quais não se pode desviar sem perigo e cuja aplicação, ao contrário, tem sido, em quase todos os tempos, coroada de sucesso. As máximas de aplicação que derivam desses princípios são também em pequeno número, e se elas se acham algumas vezes modificadas segundo as circunstâncias, podem, não obstante, servir como uma bússola a um comandante de exército para orientá-lo na tarefa, sempre

difícil e complicada, de conduzir grandes operações no meio da desordem e do tumulto dos combates.⁶²

Em seu *Traité*, Jomini foi ainda mais explícito ao afirmar que “têm existido, em todos os tempos, princípios fundamentais dos quais dependem os bons resultados na guerra [...] esses princípios são imutáveis, independentes da espécie de armamento, da época e do lugar”⁶³. O dogmatismo e a simplicidade de sua afirmação influenciaram diversas gerações de

militares, nelas incluídos Dennis e Alfred Mahan. A compreensão de que a correta utilização dos princípios fundamentais na guerra pelos generais poderia conduzir à vitória, tão claramente desenvolvida por Jomini, teve, sem dúvida, um efeito notável

em Mahan. Seu pai já lhe indicara o caminho anteriormente. O teórico suíço afirmou também que a guerra não era, em seu conjunto, uma ciência, mas uma arte⁶⁴, consistindo de cinco vertentes militares: a estratégia, a grande tática, a logística, a engenharia e a tática. A percepção de que a guerra era uma arte coincidiu com a visão de Mahan em relação à história e à própria guerra.

Jomini acreditava que o estudo objetivo da história militar era indispensável a

59 MAHAN, Alfred. *Naval Strategy*. Op. cit p. 120 e 279. Curioso que Mahan considerava o *Naval Strategy* o seu pior livro. Fonte: SUMIDA, op. cit. p. 2.

60 MOLL, op.cit. p. 134. Segundo Moll, Mahan leria, alguns anos depois, a obra de Clausewitz e concordaria com muitos pontos da teoria do autor prussiano.

61 SUMIDA, op. cit, p. 113.

62 JOMINI, Antoine Henri. *A Arte da Guerra*. op. cit. p. 47.

63 Ibidem, p. 18.

64 JOMINI, Antoine Henri. *The Art of War*. Westport: Greenwood Press, [196-], p. 11 e 293.

qualquer oficial que aspirasse atingir os altos postos militares e que ela, acompanhada de crítica sã, seria na realidade a verdadeira escola da guerra. Declarava que “de todas as teorias sobre a arte da guerra, a única razoável é aquela que, fundamentada no estudo da história militar, admite um certo número de princípios reguladores, mas deixa ao gênio natural a maior parte da conduta geral de uma guerra sem tolhê-la com regras exclusivas”.⁶⁵ Mahan, ao apontar a importância da análise da história naval para a obtenção de princípios, utilizava quase as mesmas palavras de Jomini.

Um fato interessante nos escritos de Jomini foi a ênfase dada ao gênio militar, no caso Napoleão. Sua genialidade e liderança foram muito discutidas pelo suíço, que chegou a provocar a observação de J. D. Hittle, comentarista da edição norte-americana de *A Arte da Guerra*, de que Napoleão foi um deus da guerra e Jomini o seu profeta.⁶⁶ Não seria Netuno o deus do mar e Mahan o seu profeta?⁶⁷ As coincidências parecem mais que evidentes. A admiração de Mahan por Nelson se igualava à admiração de Jomini por Napoleão. Hittle, ao discutir a influência de Jomini no pensamento de Mahan, afirmou o seguinte:

Desde que fazia uma tão judiciosa apreciação do poder marítimo, não é particularmente estranho que Jomini devesse ocupar posição incomum em virtude de suas contribuições importantes, embora indiretas, ao desenvolvimento da doutrina naval. O Almirante Mahan, autor do mais importante livro sobre a guer-

ra naval, *The Influence of Sea Power upon History*, estudou as obras de Jomini e reconheceu que a doutrina básica enunciada pelo antigo chefe do estado-maior de Ney era tão universalmente aplicável que podia fornecer conceitos guias de estratégia naval. O princípio de linhas interiores, uma asserção básica da concepção de guerra de Jomini, como também a teoria de suprema importância estratégica das linhas de comunicação, influenciaram fortemente o pensamento de Mahan enquanto este escreveu o seu duradouro tratado.⁶⁸

Jomini, em algumas passagens de seu livro, comentou a importância do controle do mar para o general. Disse ele que, se um povo dominasse a longa faixa de costa de seu território e fosse senhor de seu mar subjacente ou fosse aliado de um povo que controlasse o mar e a faixa litorânea a ele contígua, poderia ter seu poder de resistência quintuplicado, não apenas para apoiar movimentos de insurreição e fustigar o adversário, mas também para dificultar a manutenção das linhas de abastecimento inimigas providas do mar.⁶⁹

O teórico suíço preconizava também o uso intensivo da ofensiva que para ele, sob o ponto de vista moral e político, era sempre vantajosa, pois poderia levar a guerra ao solo estrangeiro, pouparia o próprio território da devastação provocada pelo ataque inimigo, aumentaria os recursos do atacante e diminuiria os do adversário, elevaria a moral do exército e deprimiria a do inimigo. Do ponto de vista militar haveria, entretanto, pontos bons e ruins. Se as linhas de avan-

65 JOMINI, Antoine Henri. *A Arte da Guerra*. op. cit. p. 32 e 48.

66 Ibidem, p. 42.

67 Observação formulada por Henry Stimson, secretário da Marinha durante a Segunda Guerra Mundial.
68 Ibidem, p. 36. Os conceitos de linhas interiores e linhas de comunicação serão discutidos no próximo número da *RMB*.

69 JOMINI, Antoine Henri. *The Art of War*. op. cit. p. 26.

ço ficassem muito estendidas haveria perigo de contra-ataques nos flancos. Os obstáculos naturais poderiam também ser favoráveis à defesa; no entanto, se conseguisse o sucesso, o inimigo seria batido no seu ponto vital, ficando privado de seus recursos e compelido a procurar a paz. Para uma simples operação, dizia Jomini, a ofensiva era quase sempre vantajosa, particularmente no campo estratégico.⁷⁰ Mahan viria a defender a ofensiva como primordial para a conduta da guerra no mar.

Para Jomini, existiam três grandes elementos em sua concepção de guerra. O princípio da concentração, o valor estratégico da posição central e linhas interiores e a relação entre a logística e o combate. Delas Mahan retirara algumas de suas principais concepções na formulação da obtenção do poder marítimo⁷¹. Segundo palavras do próprio Mahan:

A autoridade de Jomini principalmente me orientou para estudar desse modo a história naval. Com ele eu aprendi as poucas considerações militares principais e nelas eu encontrei a chave da qual, usando os registros das Marinhas a vela e dos líderes navais, eu podia retirar da análise da história naval informações pertinentes. O curso das diversas campanhas ou das batalhas específicas estudei e concluí da própria histó-

ria, comparando as testemunhas individuais presentes nas ações; no entanto, os resultados desse processo construtivo se tornaram para mim mais que a simples narração.⁷²

A influência de Jomini sobre Mahan foi tão intensa que ele chegou a nomear seu cachorro de estimação “Jomini”, tal a impressão que os escritos do suíço tiveram sobre ele⁷³. Tanto Dennis Mahan como Jomini tiveram um efeito substancial na formulação de seu pensamento analítico; no entanto, Jomini foi o seu maior influenciador.

*Stephen Bleeker
Luce*

Em homenagem a Stephen Luce a Marinha norte-americana batizou dois pavilhões, na Academia Naval de Annapolis e na EGN-EUA, com o seu nome

Responsável pelo convite formulado a Mahan para compor o quadro docente da EGN-EUA, Stephen Luce nasceu em Albany, no estado de Nova Iorque, em 1827. Graduado pela Academia Naval de

Annapolis em 1849, participou da Guerra de Secessão como oficial da União, comandando o Monitor *Nantucket* no bloqueio de Charleston, na Carolina do Sul.

Em 1862, foi designado para servir em Annapolis, onde escreveu o primeiro manual sobre marinhas usado pela Academia, tendo comandado o Corpo de Aspirantes entre 1865 e 1868, nutrindo grande preocupação com a instrução e o treinamento, tanto de praças como de oficiais. Entre 1878 e 1881, o então Capitão de Mar

70 JOMINI, Antoine Henri, *A Arte da Guerra*. op. cit. p. 69.

71 Esses conceitos serão discutidos no próximo número da RMB.

72 MAHAN, Alfred. *From Sail to Steam*. op. cit p. 282.

73 TILL, Geoffrey. *Maritime Strategy and the Nuclear Age*. New York: St Martin's Press, 1982, p. 155.

e Guerra Luce foi inspetor dos navios-escola e, como comodoro, comandou o Esquadrão de Treinamento da Esquadra dos EUA entre 1881 e 1884.

Logo em seguida, conduziu estudos para a criação da EGN-EUA, que acabou sendo inaugurada em outubro de 1884, com Luce como seu primeiro presidente. Por isso ele é considerado o fundador dessa escola. Na seleção do corpo de docentes, Luce era o personagem principal, escolhendo muitos oficiais pessoalmente. Uma de suas escolhas foi exatamente Mahan para ministrar aulas de história naval e estratégia. Luce foi fundamental também na criação do Instituto Naval dos EUA e em sua revista acadêmica, a *Proceedings*.

Luce permaneceu à frente da EGN-EUA entre 1884 e 1886, tendo sido promovido a contra-almirante nesse ano, transferindo a presidência da escola para Mahan, quando assumiu o comando do Esquadrão Naval do Atlântico Norte. Transferiu-se para a reserva em 1889, no entanto continuou ligado à escola, retornando para o corpo docente como professor convidado, até o seu falecimento, em 1917.

Em sua homenagem, a Marinha norte-americana batizou dois pavilhões, na Academia Naval de Annapolis e na EGN-EUA, com o seu nome⁷⁴.

Suas principais obras foram *Seamanship*, de 1863, e a edição de *The Patriotic and Naval Songster* de 1883.

**Antoine Henri Jomini,
Stephen Luce e Dennis
Mahan foram os principais
influenciadores das
concepções sobre poder
marítimo de Alfred Mahan**

Luce, a partir da experiência adquirida na Guerra de Secessão, propugnou que era fundamental que os oficiais da Marinha tivessem conhecimento de estratégia naval, daí sua insistência na fundação da EGN-EUA, fórum ideal para discussão de assuntos estratégicos. Dizia que o oficial-aluno “deveria ter ideia dos princípios de estratégia, de modo a compreender os pontos básicos no campo das operações e aplicá-los ou impedir que o inimigo os aplicasse”.⁷⁵ Complementava afirmando

que era fundamental ao oficial-aluno preparar-se pela análise e reflexão estudando a ciência da guerra nas escolas de alto nível formalmente estabelecidas e, dessa maneira, aplicar os princípios nas operações navais. Seu estudo deveria ser “filosófico” no que compreendia

a história naval, examinando as batalhas navais com o “olho crítico” profissional, reconhecendo os princípios e identificando quando as regras da arte da guerra levaram à vitória ou ao desastre⁷⁶.

Luce impressionou-se bastante com uma palestra proferida pelo General Sherman sobre a Guerra de Secessão e, logo após essa exposição, comentou: “Aqui está um soldado que conhece o seu ofício [...] percebi que existem certos princípios fundamentais que orientam as operações militares e que devem ser do conhecimento geral, princípios de aplicação geral conduzidos em terra ou no mar”.⁷⁷

Luce considerava os escritos de Jomini fundamentais para a preparação do oficial de Marinha, apontando-o como o fundador da

74 Receberam o nome de Luce Hall.

75 WEIGLEY, Russell. *The American Way of War*. Bloomington: Indiana University Press, 1977, p. 172.

76 *Ibidem*, p. 172.

77 GAT, Azar. *A History of Military Thought. From the enlightenment to the Cold War*. Oxford: Oxford University Press, 2001, p.443.

ciência militar⁷⁸. Ele quis encontrar um novo mestre que fosse capaz de atuar como um fundador da ciência naval, assim como Jomini o fora da ciência militar. Segundo o próprio Luce, esse mestre foi Alfred Thayer. Apesar desse comentário elogioso, Luce não leu todas as obras de Mahan ou pelo menos não leu algumas que considerava irrelevantes.

O professor Sumida comentou, em uma conferência na EGN-EUA, sobre Mahan e Luce, que, alguns anos atrás, ao procurar livros raros em um “sebo” em Bethesda, no estado de Maryland, se deparou com a primeira edição do *Naval Strategy*, de Mahan, o que o deixou fascinado. Mais intrigado ficou ao perceber que o livro continha uma dedicatória assinada por Mahan para Luce, com os dizeres “ao Almirante Stephen B. Luce, com saudades e saudações cordiais do autor”. Mahan presenteava seu mentor e chefe com seu importante livro. Que fascinante descoberta! Entretanto, essa descoberta não era a única surpresa. O livro ainda tinha folhas não cortadas, indicando que Luce não lera esse livro, apesar da inegável importância dessa obra para o entendimento do pensamento de Mahan⁷⁹.

Seja como for, para Luce, a conduta da guerra se inseria como arte, embora reconhecesse que sua análise deveria seguir os métodos científicos e os princípios de estratégia eram sempre os mesmos, podendo ser aplicados indistintamente, tanto no campo terrestre como no campo naval.

Na EGN-EUA Luce procurou aplicar uma metodologia científica para o estudo da guerra naval. Acreditava que a ciência, que já contribuiria para desenvolver diversas

artes, incluindo as marítimas, poderia auxiliar no “correto” entendimento da guerra naval. Imaginava que a metodologia científica teria a função de reunir os fatos mais importantes das batalhas navais, permitindo que o estudante de história naval adquirisse o hábito da generalização, de modo a apontar os princípios a serem seguidos na guerra. Considerava que a história naval estava repleta de exemplos dos quais se poderia erigir uma ciência da guerra naval. Esses exemplos retirados da história naval não teriam o rigor metodológico das ciências físicas, no entanto as batalhas navais do passado forneciam uma massa considerável para a formulação de “leis” ou princípios que, uma vez consolidados, transformariam a guerra naval no nível de ciência. Com esses princípios perfeitamente definidos pelo método indutivo, poderia-se aplicar o método dedutivo na aplicação desses princípios à arte da guerra.⁸⁰ O método que ele acreditava ser o mais pertinente compreendia a observação, a acumulação de fatos, a indução, a generalização e, por fim, a dedução. O método de comparação poderia também ser usado no estudo da guerra no mar, ao confrontar as diferentes campanhas navais na história.

Mahan, com certeza, bebeu nessa fonte, e muito de seu pensamento foi devido a seu contato íntimo com Luce. Existem pontos concordantes entre os dois que não podem ser negligenciados. Antoine Henri Jomini, Stephen Luce e Dennis Mahan foram os principais influenciadores das concepções sobre poder marítimo de Alfred Mahan.

CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<HISTÓRIA>; Historiador; Mahan, Denis; Jomini, Antoine; Luce, Stephen; Guerra; Estratégia;

78 WEIGLEY, Russell. *The American Way of War*. op. cit, p. 173.

79 HATTENDORFF, John; GOLDRICK, James. *Mahan is not enough: The Proceedings of a Conference on the Works of Sir Julian Corbett and Admiral Sir Herbert Richmond*. Newport: NWC Press, 1993, p. 177.

80 GAT, op. cit. p. 445.